



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

GORDA

PROCESSO DE CRIAÇÃO E REALIZAÇÃO DE CURTA-METRAGEM
DOCUMENTÁRIO

Luiza Santos Junqueira Ribeiro

Rio de Janeiro/RJ
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

GORDA

Luiza Santos Junqueira Ribeiro

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Guiomar Pessoa de Almeida Ramos

Rio de Janeiro/RJ

Rio de Janeiro - RJ
2016

GORDA

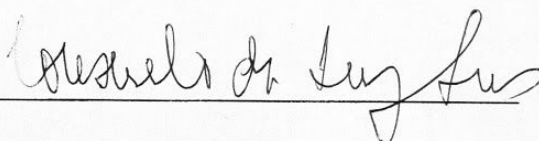
Luiza Santos Junqueira Ribeiro

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovada por



Prof. Dra. Maria Guiomar de Pessoa de Almeida Ramos, ECO/UFRJ



Prof. Dra. Consuelo da Luz Lins, ECO/UFRJ



Prof. Dr. Fernando Alvares Salis, ECO/UFRJ

Aprovado em: 10 DE MARÇO DE 2016
Grau: 10

Rio de Janeiro - RJ
2016

RIBEIRO, Luiza Santos Junqueira.

GORDA/ Luiza Santos Junqueira Ribeiro – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2014.

32f.

Relatório técnico (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Maria Guiomar Pessôa de Almeida Ramos

1. Documentário 2. Curta-metragem. 3. Corpo

I. RAMOS, Maria Guiomar P. de Almeida II. ECO/UFRJ III.
Radialismo IV. GORDA

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres que entalam nas catracas dos ônibus.

A todas as mulheres que já usaram roupas grandes
para esconder o próprio corpo dos olhos alheios.

A todas as mulheres que já se sentiram
desconfortáveis no próprio corpo.

A todas as mulheres gordas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais por terem me dado a melhor infância e juventude que alguém poderia ter e por terem me dado estrutura e apoio em todas as fases e escolhas da minha vida. Ao Tito Motta por ter me ajudado a evoluir e me tornar a pessoa que sou. Agradeço também a todas as nonsensas, pois com a ajuda delas pude ter otimismo para vislumbrar uma possibilidade de um mundo melhor, o que me motivou a continuar todas as vezes em que quis desistir do projeto. A todas as mulheres que fizeram parte da equipe e se voluntariaram para tornar esse filme possível. A todas as 555 mulheres que se inscreveram para participar do GORDA. A Claudia, Dandara e Elisa pois sem elas esse filme não existiria. A Guiomar Ramos pela orientação.

Muito obrigada a todxs!

RIBEIRO, Luiza Santos Junqueira. *GORDA*. Orientadora: Maria Guiomar Pessôa de Almeida Ramos. Rio de Janeiro, 2016. Relatório Técnico (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este relatório compreende a descrição de todo o processo de realização do filme *GORDA*, desde sua concepção até a fase final de montagem. O filme é um curta-metragem documentário que aborda a relação de três mulheres gordas com seus corpos. O filme pretende questionar os conceitos de padrão de beleza, investigando a subjetividade de cada personagem depoente.

Palavras-chaves: empoderamento, gorda, amor próprio, padrão de beleza, documentário

ABSTRACT

This report includes the description of the entire process of making the short film *GORDA*, from its conception to the final phase of editing. The short film is a documentary that addresses the relationship of three fat women with their own bodies. The film intends to question the standard of beauty, while investigating the subjectivity of each deponent character.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Contexto do Trabalho.....	10
1.2	Objetivo.....	11
1.3	Justificativa da Relevância.....	12
1.4	Organização do Relatório.....	12
1.5	Processo de Pesquisa.....	13
2	FASE DE PRÉ-PRODUÇÃO.....	13
2.1	Desenvolvimento do Produto Audiovisual.....	13
2.1.1	Público.....	14
2.1.2	Concepção da Obra.....	15
2.1.3	Infra-Estrutura Necessária.....	16
2.1.4	Orçamento e Fontes de Financiamento.....	16
2.2	Planejamento e Organização das gravações.....	17
2.2.1	Definição da Equipe Técnica.....	18
2.2.2	Definição das entrevistadas (personagens).....	19
a)	Claudia.....	20
b)	Elisa.....	21
c)	Dandara.....	22
2.2.3	Definição das Locações.....	24
3	FASE DE PRODUÇÃO.....	25
3.1	Produção.....	25
3.2	Direção.....	25
3.2	Direção de Fotografia.....	27
3.3	Direção de arte e Figurino.....	27
3.4	Captação de Som.....	28
4	FASE DE PÓS-PRODUÇÃO.....	28
4.1	Montagem.....	29

4.2	Desenho de Som e Colorização.....	30
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6.	BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade machista e gordofóbica, a mulher gorda é vista como objeto de desgosto, nojo e desprezo. É vista como objeto por ser mulher. E por consequência, deveria ter as formas “perfeitas” dentro de um padrão estético estabelecido pelo patriarcado. Já o nojo e o desprezo vêm pelo preconceito nada velado contra o corpo gordo, uma vez que a saúde alheia é alvo de preocupação apenas quando a aparência é afetada. A gordofobia – desvalorização, estigmatização e hostilização das pessoas gordas e seus corpos (ARRAES, 2014: online) - é hoje a realidade de muitas mulheres, mas a questão é pouco discutida e possui pouca credibilidade uma vez que existe o discurso da “saúde” sustentando o preconceito. Não há nenhum pudor para atacar uma pessoa gorda, seja com um olhar, ou com um comentário maldoso. A gordofobia se alastra por todas as esferas da sociedade: mercado de trabalho, laços amorosos, relacionamentos sociais do dia a dia, vestuário, representação midiática, entre outros. Nem dentro do movimento feminista, que inclusive discute a questão da padronização da beleza, a gordofobia ganha espaço. Inclusive, o termo é pouco discutido no mundo acadêmico o que dificulta legitimar o preconceito como uma realidade. Aos olhos da sociedade, a pessoa gorda sempre estará errada.

À mulher gorda é negado espaço e representatividade em todos os meios artísticos e culturais. E quando há espaço, elas são quase sempre retratadas com viés cômico como se o corpo gordo fosse algo grotesco digno de chacota. Nesse sentido, há uma necessidade em representar essas mulheres. Em mostrar suas realidades e dar voz à elas. Elas precisam ser representadas para não só se sentirem parte da sociedade, como também para desmitificar a gordofobia, romper e desconstruir o preconceito.

Além disso, o termo “Gorda” é carregado negativamente. É tido como ofensivo. Em consequência disso, a mulher que é gorda se percebe como algo indesejado e odiado. Sua autoestima não existe, afinal, sua principal característica – e porque não qualidade – física é um termo ofensivo ou cômico. Dessa forma, esse projeto resultará em um Curta

Documentário de título *GORDA*. O nome tem a intenção de desmistificar e desestigmatizar o termo.

A gordofobia atinge tanto homens quanto mulheres, mas a opressão é muito maior nas mulheres. Não que o homem gordo não sofra de gordofobia mas na lógica machista, a mulher que é objetificada e padronizada, sendo assim ela se sente muito mais deslocada socialmente do que os homens. Na sociedade machista, o corpo não pertence à mulher. A ela é negado o direito de decidir sobre sua gravidez, sobre seus pelos, sobre sua forma e sobre seu peso. Justamente por isso o tema gordofobia será abordado com o recorte de gênero nesse projeto.

O documentário pretende colocar a mulher gorda em destaque. Mostrar a relação delas não apenas com seus corpos, mas com o fato de serem gordas. Como é ser uma mulher gorda em uma sociedade machista e gordofóbica? O documentário mostra o depoimento de três mulheres gordas, desde as mais “bem resolvidas” e ativas na militância anti-gordofobia, até as mais reprimidas e com problemas em relação a sua auto-imagem.

1.1 Contexto do Trabalho

O filme partiu de uma inquietação pessoal uma vez que sou uma mulher gorda. Sempre tive uma prática de fazer pequenos auto retratos para colecioná-los. Em um desses ensaios tive a ideia de expor tudo o que eu mais odiava em meu corpo. Fotografei minhas estrias, minhas celulites, as dobras do meu corpo gordo. A intenção era me forçar a ver beleza em partes de mim que sempre rejeitei. A partir desse ensaio realizei o curta *Espelho Torcido* em 2013, um filme de pouco mais de dois minutos em que são mostradas imagens do meu corpo em preto e branco ao som de um solo de violoncelo. O curta teve uma boa aceitação do público, atingindo mais de treze mil visualizações em poucas semanas na plataforma *vimeo*. A partir daí percebi uma tendência surgindo de movimentos ligados ao emponderamento da mulher fora do padrão de beleza.

Recentemente notei um crescimento do movimento feminista por conta do aumento dos debates sobre o tema nas redes sociais online. O feminismo coloca em pauta diversos assuntos relacionados ao universo da mulher e às opressões que esta sofre na sociedade machista. Entre elas está a forma como o corpo feminino é representado nas mídias e na sociedade. Observei uma onda de manifestações intituladas “body positive” que pregavam a autoaceitação e o amor próprio independente da forma do corpo. A temática tomou conta de

ensaios fotográficos, editoriais de moda, projetos artísticos, performances e principalmente tomou conta do mundo online de blogs e redes sociais onde o tema foi muito compartilhado nesses últimos anos.

Nesse contexto percebi que havia uma carência por conteúdo audiovisual que tratasse do assunto. Dessa forma resolvi estender a pesquisa que havia iniciado com *Espelho Torcido* e comecei a pensar em um novo projeto com a mesma temática - da autoaceitação - mas voltado para outras pessoas, não só a mim. Após um longo período de pesquisa, decidi fechar o foco do projeto apenas em mulheres gordas, uma vez que elas sofrem opressões muito diferentes das que as mulheres não gordas sofrem.

Foi assim que cheguei na ideia do curta documentário *GORDA*. A ideia central do projeto é fazer com que as participantes se empoderem, pois só a partir do empoderamento do oprimido é que a revolução se faz possível. Sendo assim, o filme pretende partir da relação de cada mulher com o próprio corpo para expor a existência da opressão e tentar sensibilizar o espectador ao se deparar com a vivência de uma mulher gorda.

O objetivo é promover uma maior aceitação do corpo da mulher gorda não só nos espectadores, mas também nas próprias personagens e na cineasta. Além disso, a proposta é de colocar o corpo feminino gordo como algo que é belo, proporcionando às participantes uma noção de orgulho e aceitação de suas formas. O filme quer trazer à tona a relação dessas mulheres com seus próprios corpos. Ao exibir esses corpos que sempre foram obrigados a serem escondidos, a mulher gorda poderá desconstruir não só o preconceito alheio, como sua própria gordofobia em relação a si mesma. Afinal a mulher gorda não está livre de praticar gordofobia e muitas vezes o alvo de seu desprezo é seu próprio corpo.

1.2 Objetivo

Pretende-se, através desse projeto, colocar em destaque a discussão sobre o tema tratado, exibindo o curta em festivais de cinema, universidades, escolas, canais de TV e na internet para ficar acessível a todas as mulheres gordas que estão precisando se gostar.

O documentário *GORDA* pretende sugerir uma nova forma de ver a beleza feminina. Além disso o filme tenta desconstruir a gordofobia que existe não só nos espectadores, mas também nas mulheres gordas e na própria cineasta. O filme pretende representar as mulheres gordas e mostrar seu sofrimento. Além disso, a proposta é de colocar o corpo feminino gordo

como algo que é belo, proporcionando às participantes uma noção de orgulho e aceitação de suas formas. O filme quer trazer à tona a relação dessas mulheres estigmatizadas com seus próprios corpos. Ao exibir esses corpos que sempre foram considerados dignos de serem escondidos, a mulher gorda poderá desconstruir não apenas o preconceito alheio, mas também sua gordofobia em relação a si mesma. Afinal, a mulher gorda não está livre de praticar gordofobia e muitas vezes o alvo de seu desprezo é seu próprio corpo.

1.3 Justificativa da Relevância

O documentário *GORDA* tem a intenção de trazer representatividade para as mulheres gordas e promover um espaço de reflexão sobre a gordofobia naturalizada e institucionalizada. O filme é relevante por proporcionar não só às personagens uma maior compreensão do preconceito que sofrem e uma maior aceitação de seus corpos, mas também proporcionar isso na própria diretora, que por sua vez também é uma mulher gorda. Até porque já é hora das pessoas gordas se sentirem incluídas. Em um país onde 54% das mulheres possuem sobrepeso (RODRIGUES e ARCOVERDE, 2014:09) não faz sentido continuar excluindo essas pessoas. A gordofobia precisa ser colocada em pauta, pois só o debate sobre o assunto proporcionará a desconstrução desse preconceito na sociedade.

O que está em jogo não é só a autoestima dessas mulheres, mas a própria convivência em sociedade das mesmas. O preconceito com o corpo gordo é naturalizado, enraizado e aceito como lugar comum. É preciso acabar com essa noção e criar a consciência de que a gordofobia é tão maléfica quanto outros preconceitos como a homofobia, transfobia, o machismo, entre outros. Essa luta precisa parar de ser discriminada e ridicularizada disfarçada de “ditadura da saúde”. As pessoas têm corpos diferentes; ser gordo não é ser doente, assim como ser magro também não é ser saudável. Saúde e estética corporal são coisas distintas.

1.4 Organização do Relatório

O relatório descreve o processo de construção do curta documentário *GORDA*, contemplando a escolha do tema, a concepção do projeto, a fase de pré-produção, a fase de

gravação e produção e a fase de pós produção. Ao longo do relatório são apresentados tanto sucessos da produção quanto problemas que ficaram como aprendizado para futuros projetos.

1.5 Processo de Pesquisa

O processo de pesquisa de GORDA envolveu diversas fontes. Optei por fugir de um projeto academicista e didático, sendo assim optei por usar como fonte principalmente blogs e depoimentos de mulheres reais que sofrem com as questões tratadas no filme. Entrei em diversos grupos de militância online para poder entender as peculiaridades da luta anti-gordofobia.

Durante a pesquisa percebi que a mulher gorda sofre muitas opressões e pressões em diversos aspectos da sociedade: dificuldade no mercado de trabalho, dificuldade para encontrar roupa, acessibilidade reduzida nas estruturas da cidade (catracas de ônibus, assentos e afins), preconceito no ambiente médico, solidão em relacionamentos, falta de representatividade na mídia, entre outras questões que afetam especialmente a mulher gorda. Percebi que se eu fosse tocar em todos os assuntos que tangenciam o universo da mulher gorda, um curta metragem não seria suficiente. Optei então por focar a pesquisa em uma relação mais pessoal e subjetiva de cada personagem em relação a sua própria carne.

Dessa forma foquei a pesquisa para cada uma das participantes. Colhi informações em todas as redes sociais de cada entrevistada. Uma delas, inclusive, é blogueira e tem um canal do YouTube que discute o assunto da vivência da mulher gorda. Seu blog foi uma das minhas maiores fontes de pesquisa.

2 FASE DE PRÉ-PRODUÇÃO

Esse capítulo tratará dos detalhes da fase de pré-produção do curta documentário desenvolvido, desde sua concepção e referências estéticas, passando pelo público alvo até questões práticas que envolvem a pré-produção de um curta metragem documentário.

2.1 Desenvolvimento do Produto Audiovisual

A ideia para realizar o curta *GORDA* surgiu cerca de dois anos antes da sua produção de fato. Durante um intercâmbio na Inglaterra, em 2013, realizei o curta “Espelho Torcido” como parte do trabalho final exigido pelo programa Ciência sem Fronteiras do qual estava participando. No curta em questão mostrei detalhes de partes do meu corpo que não estão dentro dos padrões de beleza. Fiz uma montagem simples de dois minutos dessas imagens ao som de um solo de violoncelo de Bach. A ideia era expor tudo o que eu mais odiei em mim, para tentar de certo modo me obrigar a enxergar meu corpo de outra forma. O curta teve uma boa aceitação na internet, o que me motivou a tentar proporcionar a mesma experiência para outras mulheres.

Não houve roteiro para o curta *GORDA*. Usei como guia o livro de Sérgio Puccino; Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós produção. A forma do filme foi sendo decidida aos poucos conforme fui focando a pesquisa apenas em mulheres gordas. Logo no início da pré-produção, criei um formulário chamando mulheres gordas a participarem do filme. A escolha das personagens demorou mais do que planejado devido à grande quantidade mulheres que se inscreveram. Após esse período recrutei a equipe e produzi as gravações sozinha. O período de pré-produção me fez aprender muito não só sobre direção de documentário, como também sobre produção e montagem.

2.1.1 Público alvo

A princípio, o curta *GORDA* é direcionado às mulheres gordas. São elas que sofrem as opressões referidas no filme e apenas elas terão empatia de absolutamente tudo tratado no filme, já que só elas vivenciam tais situações. Mas os depoimentos tratam de questões que também dizem respeito a outros grupos. Questões como a da vivência da mulher diante do machismo; da mulher negra diante do racismo ou até sobre questões de pressão estética, a que toda mulher - seja ela gorda ou magra - está sujeita a sofrer. Sendo assim o curta *GORDA* se relaciona com vários grupos e gera empatia em todas as pessoas que de alguma forma já sofreram algum tipo de opressão ou pressão referida no filme.

Mas o filme é direcionado também aos opressores; aos homens, aos racistas, aos machistas e aos gordofóbicos. Pois são eles que precisam ouvir os depoimentos para compreender os danos que causam. São eles que precisam começar a olhar aquelas mulheres

como iguais. A revolta tem que partir das oprimidas, mas a mudança tem que ser feita pelos opressores também.

Em suma, pretende-se alcançar todos aqueles que de alguma forma já foram atingidos pelas questões abordadas no filme, mas também aqueles que às causam.

2.1.2 Concepção da Obra

A concepção do projeto partiu de uma questão pessoal minha. Após ter feito o “Espelho Torcido” em 2013, um pequeno curta abordando a minha relação com o meu corpo, consegui melhorar muito minha autoestima. A partir daí decidi criar um projeto que fosse mais completo e que pudesse dialogar com mais mulheres. Durante a pesquisa, lancei mão não só de textos acadêmicos sobre o assunto, mas também de blogs pessoais e redes sociais onde pude ler situações vividas por mulheres reais. Alguns grupos online de militância feminista e anti-gordofobia foram cruciais para guiar o caminho que o filme iria seguir. Acompanhei diversos grupos durante vários meses colhendo informações sobre o que está sendo discutido hoje em termos de militância feminista e anti-gordofobia. Nesses grupos e blogs pude entender a dificuldade que mulheres realmente gordas enfrentam todo dia. Pude entender que mulheres negras gordas sofrem questões diferentes de mulheres brancas gordas, por exemplo. E acima de tudo pude perceber o quão importante é a representação para esses grupos e o quanto faltava (e ainda falta) filmes que colocam a mulher gorda em destaque de forma positiva. *GORDA* não é um filme que pretende resolver ou colocar em pauta todas as questões enfrentadas pelas mulheres gordas, mas sim tentar de alguma forma empoderar mulheres que sofrem com as questões citadas.

Nos grupos de internet também percebi que a melhor forma de lidar com o tipo de exposição a que as personagens estariam sujeitas a enfrentar, era convocar uma equipe formada apenas por mulheres. Essa decisão influenciou muito a forma final do filme pois a intenção foi fugir do cinema documentário convencional feito em sua maioria por homens.

Por se tratar de um documentário, não houve roteiro. Foi feita uma estrutura escrita para usar como base na hora da entrevistas, mas não me prendi a ela. O filme seguiu outro

rumo a partir desse primeiro esboço de roteiro. Foi feito um planejamento prévio de como os detalhes seriam em relação à direção, arte e fotografia, mas muita coisa foi decidida em grupo após a formação da equipe técnica. Estive sempre aberta à improvisação e ao diálogo, inclusive com as personagens, sobre o figurino e o formato da entrevista.

Durante o processo, houveram algumas complicações, como por exemplo a falta de uma das entrevistadas (seriam quatro, mas uma delas não compareceu no dia da gravação). Mas todos os problemas foram contornados da melhor forma possível e alguns deles se mostraram como sendo a melhor opção, como no exemplo acima, o filme acabou por funcionar muito melhor com apenas três personagens.

2.1.3 Infra-Estrutura Necessária

Para a realização do *GORDA*, foram necessários equipamentos de vídeo, áudio, iluminação, edição, maquiagem e figurino, além de locação e de equipe formada somente por mulheres para deixar as entrevistadas mais a vontade durante as filmagens.

O curta foi inteiro pensado para que fosse barato e fácil de ser produzido. Grande parte dos equipamentos usados foram cedidos pelo Canal Curta!. A outra parte pertencia a mim ou foram empréstimos da equipe.

Para a captação de imagens foram usadas três câmeras. Uma móvel e outras duas fixas. Todas as câmeras eram DSLRs da Canon com sensor cropado: EOS Rebel T3i (pessoal), EOS Rebel T5i (Canal Curta!), EOS 60D (Canal Curta!). Além disso foram usados dois tripés fixos e um *sholder mount* (para a câmera móvel). Para a captação do áudio foram usadas 2 lapelas (uma na entrevistada e outra em mim) sem fio ligadas a um gravador externo. Para a iluminação foram usados três refletores LEDs com 5600k de temperatura em conjunto com a luz natural entrando pelas janelas da locação. Para a loggagem foi usado um MacBook Pro.

Para a edição foi usado o MacBook e o editor Final Cut Pro X. Para a colorização e finalização será usado Da Vinci Resolve.

2.1.4 Orçamento e Fontes de Financiamento

O filme foi pensado para gastar o mínimo possível e ser simples de executar, de forma que eu pudesse bancá-lo sozinha sem precisar de nenhum tipo de financiamento. Sendo assim, toda a equipe trabalhou voluntariamente por acreditarem no projeto, doando tempo para as filmagens. Além disso, os equipamentos foram empréstimos ou pessoais. Grande parte do equipamento usado pertence ao Canal Curta!. Outra parte pertence ao acervo pessoal da equipe. Só foi gasto dinheiro com figurino, transporte e alimentação (que eu mesma preparei em casa e levei no dia). Por fim, a locação também foi gratuita, de forma que o filme custou menos de dois mil reais até sua finalização (não incluindo o orçamento de inscrições em festivais).

2.2 Planejamento e Organização das gravações

A pré-produção de fato se deu início em maio de 2015 com o conceito do filme já fechado. A primeira coisa que fiz foi criar um formulário online explicando a proposta do filme e convidando mulheres gordas a participarem do projeto. No mesmo dia criei uma página na rede Facebook para divulgar as novidades sobre o filme. Em menos de uma semana a página atingiu mais de mil seguidores e o formulário foi respondido por mais de 550 mulheres. Logo no início percebi o potencial do projeto e convidei duas produtoras que se demonstraram muito interessadas em produzir o filme junto comigo. Fizemos reuniões via web conferência (devido às dificuldades de deslocamento na cidade do Rio de Janeiro) e decidimos questões práticas para o início das gravações. Porém, com o decorrer do projeto, ambas as produtoras foram se distanciando cada vez mais ao ponto de eu ter que assumir a produção sozinha.

A escolha das personagens e pesquisa por locação demoraram mais do que planejado me forçando a organizar as gravações apenas em outubro. Porém foi em agosto que a equipe técnica foi formada. Foram convidadas apenas mulheres que tivessem interesse pelo projeto. Houveram algumas reuniões separadas com as equipes de fotografia, arte e direção. Infelizmente não foi possível organizar uma reunião com toda a equipe presente.

Meu maior erro como diretora e produtora foi de não conseguir engajar uma equipe no projeto da forma como eu gostaria. Infelizmente todas as pessoas envolvidas tinham muitas coisas para lidar além do projeto, inclusive eu. Dessa forma o filme ficou muito centralizado somente na minha mão. O que fez com que não houvessem prazos engessados.

As gravações foram organizadas para encaixar no horário de todas as envolvidas, incluindo a locação.

As gravações aconteceram entre a última semana de outubro e a primeira semana de novembro de 2015. Foram dois sábados disponibilizados pela locação *Casa da Glória*. Dessa forma, os meses de dezembro e janeiro foram dedicados somente à pós-produção uma vez que a entrega do filme foi feita em fevereiro de 2016.

2.2.1 Definição da Equipe Técnica

Para formar a equipe técnica do *GORDA*, foi divulgada a proposta do projeto em grupos de jovens realizadoras do Rio de Janeiro. As mulheres interessadas entraram em contato. Foi dada prioridade para aquelas com as quais eu já era familiarizada com o trabalho. Sendo assim a equipe foi formada por mulheres alunas ou ex alunas de cursos da ECO e da EBA da UFRJ.

As primeiras a entrarem para o projeto foram as assistentes de direção: Gabriela Giffoni e Maíra Barillo. Gabriela auxiliou na parte estrutural do filme com seu conhecimento sobre roteiro e Maíra na criação do conceito estético do filme por sua experiência com fotografia e teatro.

A direção de fotografia foi feita pela Mari Cavalcanti e a assistência foi feita Natália Alvim. Ambas demonstraram uma ótima conexão com a proposta do projeto e fizeram um trabalho excelente que superou as expectativas.

A captação de som direto foi feita por Marina D'Avila na primeira diária e por Isabela Godoi na segunda diária. Marina levou seu próprio equipamento na diária em que participou e deu muitas sugestões fundamentais para o trabalho de áudio do filme. Isabela usou o equipamento cedido pelo Canal Curta! na segunda diária que apresentou uma singela diferença na clareza do áudio, não comprometendo porém o resultado final.

A direção de arte foi composta por Tay Oliveira, Maria Lethícia Barcelos e Valentina Farah que criaram as vestimentas feitas com amarrações moldadas nos próprios corpos das personagens.

A maquiagem foi feita por Ju Sales que demonstrou imenso talento não só em compreender a proposta estética do filme, como também em entreter e acalmar as personagens antes das filmagens.

A edição e finalização foi feita por mim e pela editora Aline Rosa com quem trabalho lado a lado todo dia. Sua participação foi importantíssima pois além de editar e finalizar o filme, Aline contribuiu para diversas questões na fase de elaboração do conceito do projeto.

2.2.2 Definição das entrevistadas (personagens)

O filme tem como personagens três mulheres que dão seu depoimento sobre temas e questões da vivência da mulher gorda. Elas foram selecionadas em um processo de inscrição online onde as interessadas em participar do filme responderam três questões: “Você gosta e/ou aceita seu corpo? Por que?”; “Você acha que ser gorda é algo bom ou ruim? Por que?”; “Por que você participaria do documentário *GORDA*?”. As questões foram elaboradas para que eu pudesse separar as mulheres em perfis que vão desde as mais empoderadas, até as com autoestima baixa. O formulário em questão ficou uma semana online sendo compartilhado por dezenas de pessoas nas redes sociais até completar 550 inscritas. Após esse período o formulário foi fechado (também devido à falta de tempo hábil que eu teria para analisar tantos perfis).

Durante um longo período me dediquei sobre os formulários analisando o perfil de cada inscrita. Inicialmente a ideia era que fossem escolhidas cinco mulheres em diferentes estágios de empoderamento e consciência política. Eu queria mulheres desde muito empoderadas e ativistas nas causas feministas e anti-gordofóbicas, até mulheres com autoestima baixíssima e sem o conhecimento de grupos ativistas. Cheguei a entrar em contato online com dezenas de mulheres com esses perfis. Porém, a grande maioria das contatadas com o perfil de autoestima baixa desistiram de participar do filme. A primeira a aceitar participar foi Claudia, que tem o perfil de mulher empoderada e ativista. Após perceber que poucas mulheres inscritas estavam com disposição para participar, decidi fechar em quatro perfis: duas mulheres com autoestima elevada e duas mulheres com autoestima baixa.

As próximas a aceitarem o convite foram Elisa (que tem a autoestima baixa, mas está buscando se aceitar e é ativista na causa da mulher negra) e Bruna (que é ativista e

empoderada também). A última a topar foi Dandara (com perfil de autoestima baixa) que topou dois dias antes da gravação após a desistência de outra mulher.

Foram agendadas duas diárias na locação para a gravação das entrevistas. Sendo assim, o planejamento era gravar duas mulheres por diária: Claudia e Dandara na primeira, e Elisa e Bruna na segunda. Infelizmente Bruna não se sentiu bem no dia da gravação e cancelou sua presença. Não houve tempo suficiente para substituí-la e nem haveria mais diárias disponíveis na locação. Sendo assim, o filme acabou ficando apenas com três personagens. Por sorte essa adversidade se mostrou como a melhor opção. A partir de agora, com apenas três personagens, cada uma em um estágio de amor próprio e consciência política sobre seus corpos, foi possível investigar mais a subjetividade e a singularidade de cada uma delas.

Abaixo estão as respostas ao formulário e os perfis de cada uma das personagens:

a) Claudia

Claudia Rocha, 38 anos.

Você ama/aceita seu corpo?

“Amo meu corpo, ele é parte de mim, me proporciona condições de viver e ser feliz, como não amá-lo? É gostoso ao toque e amo admirá-lo, com todas as cicatrizes, estrias, celulites, rugas, tatuagens e dobrinhas que tem. Amo meu corpo, meu eu exterior porque ele é a minha tela em branco, uma forma de me expressar fisicamente sem precisar dizer nada, um instrumento para exercer minha liberdade de escolha, meus gostos, estilo. Meu corpo é único e com 3 dígitos, após vencer um câncer há 3 anos eu poderia enumerar N razões para amá-lo, mas acho que a principal é que nele há vida, ele guarda parte do que sou e me permite realizar coisas incríveis, ele é meu universo, através dele toco outros mundos.”

O que é ser GORDA pra você?

“Estar gorda pra mim, hoje em dia, é bom e devido ao preconceito que sofri no passado (ainda sofro por causa do meu trabalho online de incentivar gordas a se amarem) me tornei uma pessoa com outro nível de consciência e empatia, arrisco dizer que engordar despertou o que havia de melhor em mim. Estar gorda aos olhos da sociedade é como estar condenada ao pior castigo da humanidade, é como um crime imperdoável, mas as pessoas esquecem que há

diversos gostos, preferências e que independente da minha escolha eu devo respeitar a do outro sobre seu próprio corpo, ainda que não concorde. O corpo é meu, as regras são minhas e a liberdade também.”

Porque você quer participar do filme?

“Porque eu acredito que talvez eu possa contribuir de forma positiva em pelo menos uma coisa, pois nem sempre me aceitei, já fui gorda, magra e hoje sou obesa e após sobreviver ao câncer, eu decidi que queria ajudar de alguma forma outras mulheres, gordas ou magras a aceitarem melhor seus corpos. Além disso, seria uma forma de apoiar outras mulheres, ajudar a repensar o preconceito que muitas tem com elas mesmas e trocar ideias sobre a gordofobia e também falta de acessibilidade que gordos enfrentam no dia a dia, leis a nosso favor que são desrespeitadas e até mesmo despreparo da classe médica para atender pacientes obesos, desde a falta de infraestrutura, equipamentos, cadeira de rodas higiênica, etc até mesmo quando o assunto é saúde, pois a sociedade impõe que é dever de toda mulher emagrecer, focam tanto em saúde física que somos indivíduos e não apenas um corpo que precisa alterar sua quantidade de massa. batem direto na tecla de saúde física e assim vão arruinando a saúde emocional, psicológica da pessoa.”

Claudia é uma pessoa que passa e inspira muita confiança. Em momento nenhum a vemos demonstrar inseguranças em relação ao seu peso. Ouso dizer que ela não mais as tenha. Claudia sempre foi gorda. Mas foi a partir de uma experiência de quase morte, que ela se viu diante da sorte que é estar viva. Dessa forma ela decidiu que se amaria dali pra frente. Segundo ela mesma afirma durante a entrevista; ela escolheu ser bonita.

Após vencer um câncer, ela criou a Gordivah. A Gordivah é quase que uma entidade que habita o corpo de Claudia. A Gordivah milita ferrenhamente na internet em prol dos direitos dos gordos. Sua principal página tem mais de quarenta mil inscritos. A Gordivah é confiante, engraçada e poderosa. São raros os momentos que vemos a Claudia despida de Gordivah.

A Claudia tem o papel fundamental de ser a pessoa que está pronta para lutar com o mundo, já que os próprios demônios já foram derrotados. Ela traz a figura da mulher empoderada e confiante que escolheu ser bela.

b) Elisa

Elisa Nesi, 20 anos.

Você ama/aceita seu corpo?

“Depende do dia, da ocasião, da roupa, de como meu corpo está naquela roupa, do que acontece no dia...Em geral eu amo meu rosto e o formato do meu corpo, mas odeio a gordura. Gostaria de ter o formato que tenho, mas ser magra. Gosto da bunda grande, da coxa grossa, mas não como está hoje. Entretanto, já venho há algum tempo comprando roupas que me empoderem, que me façam sentir bem comigo mesma. Então tem dias que me acho linda! Outros nem tanto.”

O que é ser GORDA pra você?

“Acho que é algo ruim no sentido da saúde. Gordo não é saudável. Ponto. Pode até não ter problemas graves, mas as dores no corpo são constantes e a diabetes e hipertensão batem à porta todo dia. Nesse sentido, não é bom ser gorda, mas esse é o único motivo.”

Porque você quer participar do filme?

“Porque venho em uma busca de me empoderar como mulher, como negra, como gorda, como brasileira... Acho que esse poderia ser mais um passo, e ainda contribuir para a desconstrução do estereótipo do gordo.”

Elisa traz o depoimento da mulher que além de sofrer machismo e gordofobia, sofre racismo. Ela carrega diversas minorias e sente toda essa opressão diariamente. Ela é uma mulher negra e periférica que convive em meios majoritariamente brancos e elitizados, como por exemplo, o meio universitário em que frequenta. Sendo assim, Elisa tenta enfrentar as opressões que sofre se mostrando muito forte, mas no fundo ela ainda é muito insegura em sua própria pele quando está fora de casa.

Ela tem consciência de que é importante aceitar e ter orgulho do corpo que tem, porém ela ainda não chegou nesse patamar de emponderamento. Elisa traz a questão da falta de conforto no próprio corpo. Ela não consegue se sentir confortável quando fora de casa, mas mesmo assim ela acredita na importância de tentar mudar esse sentimento.

Em suma, Elisa traz a questão da vivência da mulher que além de gorda é negra e periférica e por consequência acumula opressões. Mas seus depoimentos vão além e mostram

uma intimidade muito mais complexa de uma mulher que ao mesmo tempo que tenta se amar, não se sente confortável fisicamente no próprio corpo.

C) Dandara

Dandara Aryadne, 24 anos.

Você ama/aceita seu corpo?

“No começo não. Sempre tive problemas para aceitar a forma que eu sou - mesmo usando todos os métodos para emagrecer eu nunca conseguia emagrecer de verdade - vai ver eu não estava tentando de verdade. Mas eu sempre me olhei pelos olhos dos outros, os outros tem problema com meu peso, eu não.”

O que é ser GORDA pra você?

“Isso depende, e muito! O que é bom pra mim, pode não ser bom para o outro. Eu sou feliz assim. Mas há aqueles que possam se sentir limitados, presos em sua condição. Mas até agora, pra mim, viver do jeito que eu quero viver e ser amada do jeito que eu quero ser, tá é bom demais!”

Porque você quer participar do filme?

“Gordofobia existe? É essa a questão, não é? Eu acho que não. Magrofobia existe? A partir do momento que inventamos uma "fobia" para nos desculpar com nos mesmos pela nossa falta de coragem ou força, bom ai estávamos fazendo algo realmente errado. Mas acredito sim que há um preconceito dito e presente em inúmeras situações, intensas até. Eu, como gorda, como mulher, jovem e começando a minha vida agora, participaria para poder mostrar força para as mulheres da minha idade e também para as mais velhas que, está tudo bem ser gorda. Está tudo bem ser você, não precisa fazer loucas dietas, existem roupas para todo mundo, existem homens, mulheres que nos acham atraentes, sim! - Esse discurso sim, merecer ter voz! Por isso, eu participaria.”

Dandara mostra um discurso ambíguo; hora se demonstra confortável e feliz no próprio corpo, hora se demonstra insegura diante dos olhos alheios. Assim como Elisa,

Dandara também não se sente confortável consigo mesma fora de casa. Por conta disso, Dandara se recusa a usar roupas curtas ou que mostrem a forma de seu corpo.

Além disso, ela é estudante de artes plásticas e se demonstra ciente da artificialidade dos padrões de beleza. Ela traz para o filme a questão do padrão de beleza da mulher renascentista, quando a mulher era retratada de forma menos artificial, assim traz à tona a comparação entre padrões de beleza muito explorada no conceito estético do filme.

O problema é que Dandara sabe que os padrões são artificiais e prejudiciais, mas mesmo assim não consegue se libertar dessas amarras. Dessa forma ela continua sendo muito insegura, apesar da consciência política que tem.

Sua participação no filme se deu de forma curiosa. Dois dias antes da gravação, uma outra mulher que participaria avisou que não poderia mais comparecer. Não havendo a possibilidade de remanejar nenhuma outra participante, fui obrigada a chamar uma nova participante com urgência. Liguei para Dandara que pareceu balbuciante no telefone, mas ela aceitou o convite. No dia da gravação ela me disse que tinha ido à locação com uma desculpa pronta para não participar, mas que ao encontrar com Claudia no hall da locação, conseguiu forças para participar.

Dandara representa uma mulher com uma relação imprecisa consigo mesma. Ela não se aceita completamente por saber que a sociedade rejeita seu corpo, mas sabe que a única forma de enfrentar isso é se forçando a desconstruir essas ideias.

2.2.3 Definição das Locações

A escolha da locação foi baseada em uma opção estética desde o início. Eu buscava um espaço com uma estética imponente porém neutro, onde as personagens ficassem em destaque. A neutralidade do espaço também se deve a uma busca por uma universalidade onde os depoimentos pudessem ser facilmente compreendidos por várias mulheres que vivenciam situações semelhante.

A ideia era encontrar um espaço amplo e vazio, com muita entrada de luz natural e paredes claras. Comecei a pesquisar por galerias de arte e salas de ensaio. Obtive muita dificuldade para encontrar um espaço que cedesse duas diárias gratuitamente (ou a preços módicos). Porém, por sorte, a secretaria do espaço cultural “Casa da Glória” aceitou a proposta de parceria e cederam o espaço em troca de serem patrocinadores do projeto. O

espaço atendeu a todas as especificações planejadas. Por ser um casarão em estilo imperial, a locação colabora para criar uma aparência imponente retomando obras renascentistas, o que dialoga muito bem com o figurino amarrando o conceito estético do filme.

3 FASE DE PRODUÇÃO

A fase de produção do projeto diz respeito ao período de gravação do filme que ocorreu em duas diárias; uma dia 24 de outubro e outra dia 02 de novembro de 2015. As datas foram definidas de acordo com a disponibilidade da locação, da equipe e das personagens.

3.1 Produção

A produção do *GORDA* foi bastante complicada e uma das maiores dificuldades do filme. O motivo foi a escolha equivocada das duas produtoras que não puderam se dedicar ao projeto.

Desde o início do projeto, duas produtoras me procuraram com interesse de produzir o filme. Até então não as conhecia, mas vi potencial pelo fato de ambas serem engajadas em grupos de militância feminista e anti-gordofóbica e ambas declararam ter bastante experiência. Nunca conseguimos marcar uma reunião presencial por dificuldades de deslocamento, uma vez que ambas moravam muito longe. As duas se colocaram a disposição para ajudar no que fosse necessário, mas infelizmente na minha falta de experiência com produção eu não soube direcioná-las. Meu maior erro foi de imaginar que fossem fazê-lo por conta própria. Infelizmente elas não se colocaram a frente de nenhum processo e acabei por produzir tudo sozinha da forma que consegui. Não houve nenhum responsável apenas pela produção em nenhuma das diárias. Sendo assim eu mesma produzi alimentação e transporte dos equipamentos. Da mesma forma fui eu que organizei o orçamento que saiu das minhas reservas privadas. Foi gasto dinheiro apenas com figurino, transporte e alimentação. Mas mesmo com todas as dificuldades, a equipe técnica soube trabalhar da melhor forma possível tirando o máximo de cada situação.

3.2 Direção

O projeto de direção foi desenvolvido ao longo de todas as fases do filme. Muito da ideia inicial do projeto se manteve ao longo da produção, mas sempre estive aberta a mudar o rumo no decorrer do processo. Até a fase de edição não houve um projeto fechado e engessado de direção. Todas as possibilidades foram discutidas em equipe, com amigos ou até com as próprias entrevistadas.

Inicialmente *GORDA* ia ser um documentário tradicional de cabeças falantes. Minha ideia era proporcionar um filme que abordasse o assunto de forma didática e objetiva, afim de atingir o maior número de pessoas possíveis. Esses momentos de entrevistas seriam intercalados por momentos de livre experimentação imagética envolvendo os corpos das mulheres entrevistadas, trabalhando as imagens de forma semelhante a que foi feita em “Espelho Torcido”. Mais adiante o conceito do filme se voltou mais para a intimidade de cada personagem, de forma que não era mais preciso criar um filme didático para passar a mensagem de amor próprio e busca pela auto aceitação. A partir daí a proposta se definiu em focar apenas na relação de cada mulher com seu próprio corpo, como cada uma delas se sente na própria pele. Com esse formato definido, pude pensar em como seria a entrevista.

As perguntas feitas para as personagens foram baseadas em minha própria experiência, uma vez que sou gorda e tenho alguma vivência e conhecimento a respeito do assunto. As perguntas criavam uma narrativa da qual a entrevistada começaria falando do primeiro momento em que ela se percebeu gorda e os desdobramentos desse primeiro momento, passando por questões mais didáticas sobre a vivência e a militância da mulher gorda, para enfim chegar no momento atual de cada uma, seja ela empoderada ou não. Além dessas perguntas que guiariam a entrevista, preparei outras específicas para cada uma usando como base o questionário e as conversas que tive com elas previamente.

Durante as gravações decidi que não iria seguir as perguntas rigorosamente. Me deixei aberta ao diálogo. Justamente por essa decisão, optei por capturar meu áudio também. As entrevistas foram muito emocionantes e me deixei levar por cada uma das entrevistadas. No final das contas, cada mulher deu um depoimento completamente diferente da outra. Dessa forma, até o processo de montagem, eu não tinha certeza qual o caminho narrativo a ser seguido pelo filme. Por um lado essa escolha me prejudicou, uma vez que a montagem foi

muito trabalhosa e tive que participar ativamente dela. Por outro lado, ao estar aberta para o acaso, o filme ganhou diversas outras facetas que não teria se eu tivesse seguido o planejamento rigidamente.

Como se trata de um documentário, muito da direção foi entregue ao acaso. O filme foi sendo conduzido de forma honesta, mas desde o início o projeto demonstrou algo como uma vida própria. O que fiz como diretora foi acompanhar as novas possibilidades que foram surgindo e tentando trabalhar com elas.

3.2 Direção de Fotografia

A direção de fotografia de *GORDA* foi uma colaboração de livre interpretação entre mim, a diretora de fotografia Mari Cavalcanti e a assistente de fotografia Natália Alvim. Houve reuniões em que expliquei a ideia e intenção do projeto e as deixei trabalharem livremente. Foram usadas duas câmeras fixas e uma livre na mão da diretora de fotografia.

Para iluminação buscamos uma luz suave e difusa que contribuísse para criar a sensação estética dos quadros das Vênus renascentistas. Foram usados três refletores LED DayLight (temperatura de cor semelhante a da luz do dia) em conjunto com a luz natural entrando pelas janelas. A luz suave também acentua ainda mais os tons pastéis do figurino, fundamental para a direção de arte.

Para as entrevistas foram usadas três câmeras. Uma fixa em plano médio, uma fixa em plano aberto e uma móvel, captando detalhes e livre para experimentação.

Para as imagens dos corpos foram usadas as mesmas condições de luz difusa e suave. Nesse momento as câmeras estavam livres nas mãos da diretora e assistente. Durante as gravações da Dandara, sugeri que ela mesma se gravasse. As imagens foram usadas em justaposição com seu depoimento sobre a representação da mulher renascentista.

3.3 Direção de arte e Figurino

A direção de arte não foi feita por uma pessoa apenas. A proposta estética do filme foi pensada por mim em conjunto com as figurinistas Tay Oliveira e Maria Lethícia Barcelos.

A ideia inicial proposta por mim era que os figurinos fossem roupas muito justas da cor da pele de cada personagem. A princípio a ideia era criar uma espécie de segunda pele que evidenciasse a artificialidade da vestimenta daquelas mulheres afim de tentar desconstruir a noção de que o corpo gordo não pode ser visto. Logo de início enfrentamos a dificuldade de encontrar qualquer tipo de roupa com a numeração adequada para nossas personagens. Esse primeiro obstáculo nos serviu de incentivo para criarmos os figurinos no próprio corpo da personagem.

Dessa forma decidimos criar vestimentas de amarrações que remetessem às deusas greco-romanas, homenageadas no período renascentista. Buscamos um figurino que colocasse a entrevistada no lugar da Vênus renascentista, sugerindo que elas fossem as novas deusas contemporâneas.

Foram comprados tecidos com tons de pele semelhante ao de cada entrevistada e as roupas foram modeladas no dia da gravação pelas figurinistas Tay, Maria Lethícia e Valentina Farrah. Além disso a maquiadora Ju Sales também acompanhou o mesmo conceito criando um visual polido para cada uma das entrevistadas.

3.4 Captação de Som

O Trabalho de captação de som direto do filme foi realizado por duas pessoas. Marina D'Ávilla na primeira diária em que ocorreram as gravações com Claudia e Dandara, e por Isabela Godoi que captou o som na segunda diária em que ocorreu a entrevista da Elisa. Para a captação foram utilizados equipamentos emprestados de Marina na primeira diária e equipamentos emprestados do Canal Curta! na segunda. Em ambas as situações foram usadas microfones de lapela sem fio nas entrevistadas e em mim. Como a condução da entrevista foi livre e fluida, optei por captar meu áudio caso fosse necessário usá-lo na montagem.

4 FASE DA PÓS-PRODUÇÃO

A etapa de pós-produção começou uma semana após o final das gravações. Eu mesma organizei e sincronizei as imagens e áudio do material. Após esse período, comecei a longa tarefa de esculpir um curta metragem de mais de oito horas de material bruto de entrevistas.

Após um longo período em que montei a estrutura do filme sozinha e decupei todo o material, entreguei o filme para a editora Aline Rosa que a partir daí finalizou tanto a montagem quanto a edição e trabalhou a versão prévia para apresentação de áudio e colorização.

4.1 Montagem

Trabalho como editora profissionalmente e por esse motivo, desde o início do projeto me propus a uma direção mais solta e intuitiva para poder trabalhar o material com liberdade na montagem.

Por um lado essa escolha de direção foi muito negativa, uma vez que a montagem foi muito trabalhosa e o conceito do filme mudou de rumo diversas vezes durante a pós produção. O problema é que quando o caráter do filme muda após as gravações, quaisquer ideias que surgirem depois não poderão mais ser executadas. Isso acarretou na necessidade de lançar mão de alguns improvisos truques de edição afim de obter um bom resultado sem precisar gravar material extra.

Por outro lado, dirigir as entrevistas com mais liberdade permitiu a obtenção de um material muito rico, o que possibilitou a mudança de rumo narrativo do filme. *GORDA* passou de ser um filme que pretendia investigar a relação de toda gorda com o próprio corpo, para um filme que explora a individualidade de cada personagem e suas questões com seus corpos. Foi durante a montagem que *GORDA* passou a ser um filme sobre Dandara, Elisa e Claudia.

Após o processo de organização e sincronização do material, comecei decupando as entrevistas. Cada entrevista durou de duas horas a duas horas e meia de falas quase ininterruptas. O material era muito rico, e cada entrevista sozinha já poderia ser um filme. Foi muito difícil e demandou muito tempo da minha parte conseguir criar unidade entre as entrevistas, uma vez que cada personagem guiou a entrevista de formas muito diferentes. Após o terceiro corte de cada entrevista optei por abordar não somente o tema principal do filme de forma didática e explicativa. Optei por investigar a subjetividade e as dores (ou vitórias) de cada personagem e explorar suas diferenças no filme. A partir daí uma linha narrativa surgiu, onde cada mulher está em um estágio diferente de emponderamento e amor próprio. Cada uma delas quer coisas diferentes. Elisa que se sentir confortável no próprio

corpo, fora de casa. Claudia quer que o mundo aceite de uma vez por todas que as pessoas gordas serão felizes de qualquer forma. Dandara quer se ver livre dos olhares alheios. Mas cada questão apresentada por elas pode gerar empatia em diversas mulheres que já se sentiram da mesma forma. Dessa forma, montei essa estrutura que mais tarde foi aprimorada pela editora Aline.

4.2 Desenho de Som e Colorização

Até o presente momento não foram finalizados o desenho de som e a colorização do filme, porém pretende-se concluir esta etapa até o final do primeiro semestre de 2016. *GORDA* terá um trabalho de colorização delicado. Pelo fato de terem sido usadas três câmeras diferentes, obtivemos muita diferença entre as imagens. Sendo assim a primeira parte do processo inclui corrigir as cores das três câmeras de forma que não seja tão notável a diferença entre elas. Após esse processo pretende-se que o filme tenha uma finalização que potencialize a suavidade e o caráter fluido e difuso das imagens. Pretende-se também que seja evidenciado a inspiração nos quadros do período renascentista.

O trabalho de som também pretende enfatizar as referências ao período renascentista. Nos momentos das imagens dos corpos e nos respiros do filme, usamos como trilha, trechos de músicas que trazem uma sensação de endeusamento das mulheres. Em relação ao som direto, por termos gravados em espaços muito amplos e vazios, o resultado final possui muito eco. Mas no tratamento final pretendo usar isso ao favor do filme e incorporar essa textura pelo seu caráter barroco, o que enfatiza ainda mais a estética de divindades que quero dar às personagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme teve como ponto de partida a vontade de proporcionar a outras mulheres a experiência que tive de empoderamento e orgulho do meu próprio corpo, após ter feito o *Espelho Torcido*. O conceito evoluiu e se voltou apenas para as questões que envolvem o universo da mulher gorda. A popularidade que o formulário de participação e a página do facebook ganharam, me mostrou a urgência em abordar o tema no cinema.

O fato de só ter mulheres na equipe ajudou para a criação de um ambiente acolhedor e confortável para as entrevistadas, que por sua vez puderam se abrir e se expor, possibilitando a criação de um filme forte, urgente, e que dialoga diretamente com as mulheres gordas. Além disso, o fato de todos os processos terem sido realizados por mulheres, trouxe ao filme uma linguagem própria. A produção foi feita com uma liberdade que não é comum em produções onde os homens têm posições de liderança. A câmera possui uma liberdade e um desapego com normas cinematográficas, enquanto a montagem e a edição permitiram evidenciar o aparato além do quadro.

As limitações técnicas e financeiras foram abraçadas e usadas ao favor do filme. GORDA não foi feito com a melhor câmera, nem com o melhor equipamento de áudio, mas passa a mensagem com tanta força, que toca profundamente não só as mulheres gordas, mas todos aqueles que já se sentiram desconfortáveis no próprio corpo.

6. BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: editor Papyrus, 2005.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**, 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

RODRIGUES, Ramilla C. E ARCOVERDE, Vanessa M. **Cinderela não é gorda : análise da personagem Perséfone na novela Amor à Vida**, Universidade de Brasília, Brasília 2014.

SANDER, Jardel. **Corpo-dispositivo: cultura, subjetividade e criação artística**. http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF23/jardel_sander.pdf, 2011

TURNER, B. **The Body and Society**, 2 ed. London: Sage Publications, 1996.

WOLF, Naomi. **The Beauty Myth: How Images Of Beauty Are Used Against Woman**. 1991. William Morrow. New York.